



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS

CAROLINE ALBUQUERQUE LEMOS DO NASCIMENTO

ABORDAGEM DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA UNIDADE BÁSICA DE
SAÚDE PARQUE IMPERIAL: DIFICULDADES E POTENCIALIDADES

SÃO PAULO
2022

CAROLINE ALBUQUERQUE LEMOS DO NASCIMENTO

ABORDAGEM DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA UNIDADE BÁSICA DE
SAÚDE PARQUE IMPERIAL: DIFICULDADES E POTENCIALIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Especialização em Saúde da
Família da Universidade Federal de São Paulo
para obtenção do título de Especialista em
Saúde da Família

Orientação: ROSSANA FLÁVIA RODRIGUES SILVÉRIO DOS SANTOS

SÃO PAULO
2022

Resumo

A violência contra a mulher, além de ser danosa individualmente, é um problema de saúde pública. As unidades básicas de saúde, como porta de entrada ao sistema único de saúde, são fundamentais no combate a esse agravo, tanto no que se refere ao acolhimento das vítimas quanto no ato de notificar os casos de agressão atendidos no serviço e é preciso identificar possíveis dificuldades dos profissionais de saúde nessas questões. O número de casos de violência contra a mulher diverge nas diferentes regiões da cidade de São Paulo, porém não é nulo em nenhuma delas, o que implica a necessidade de se ampliar o olhar na identificação de casos para evitar subnotificação e aprimorar o atendimento às mulheres violentadas. A UBS Parque Imperial, apesar de localizada em um distrito de São Paulo com baixo índice de violência à mulher, os casos estão presentes, além de terem sido identificadas dificuldades da equipe na abordagem dessas pacientes. O objetivo desse projeto é fornecer subsídios para que a equipe de saúde promova atividades que reduzirão os índices de violência contra a mulher no território da UBS Parque Imperial. Para isso serão desenvolvidas ações para mulheres e homens do território, como grupos comunitários, além de capacitar os profissionais na abordagem às vítimas e no preenchimento completo das fichas de notificação compulsória.

Palavra-chave

Atenção Primária à Saúde. Saúde da Mulher. Violência. Violência Doméstica. Acolhimento.

PROBLEMA/SITUAÇÃO

A violência contra a mulher é definida como "qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado", segundo o art. 1º da Convenção de Belém do Pará (CIDH, 1994). Já a violência doméstica, envolve atos cometidos por pessoas íntimas (parceiros, filhos, pais, irmãos, responsáveis, etc.) e ocorre no lar, sendo os homens a grande maioria dos agressores.

Essa violência é um problema de saúde pública, considerando a agressão em si, mas também as consequências dela, como o fato de as vítimas terem mais problemas de saúde e frequentarem mais os serviços de saúde, além de ser uma importante causa de mortalidade. Assim, a atenção primária sendo uma porta de entrada ao sistema de saúde tem participação fundamental no combate desse problema. Para que isso seja realizado de forma mais exitosa, o trabalho deve ser feito por uma equipe multiprofissional, já que cada profissional da saúde exerce um papel importante no cuidado da mulher violentada. O papel que todos eles tem em comum é o do acolhimento, que, entretanto, não é homogêneo entre as pessoas que recebem essa questão na unidade básica de saúde.

O sistema patriarcal leva mulheres a serem desacreditadas quando relatam ou denunciam a violência. Dessa forma, o recebimento de um acolhimento heterogêneo e fragmentado por parte dos profissionais intensifica a dificuldade da mulher em criar um vínculo com a unidade como um todo e reduzir o constrangimento na busca por ajuda. O atendimento integral é imprescindível nessas situações, incluindo o momento de notificação desse agravo, que é compulsória. Para além do manejo da situação de violência que já aconteceu, é fundamental conhecer os fatores de risco do agressor associados a maiores taxas de violência, como uso abusivo de álcool e outras drogas, já que são fatores modificáveis cuja redução geraria impacto importante.

Na UBS Parque Imperial está localizado na Zona Sul de São Paulo, em um bairro de classe média na maior parte do território. Os casos de violência não chegam à unidade com grande frequência, porém a forma como as mulheres são acolhidas diverge de acordo com o profissional que realiza a abordagem. Em 2021 a UBS Parque Imperial notificou 21 casos de violência doméstica. Em uma conversa com alguns profissionais de saúde da unidade, foram expressas algumas dificuldades em abordar a vítima, preencher a ficha de notificação compulsória desse agravo, além de conceitos errôneos em relação a tipos de violência e ao fato de que, por ser um bairro com uma população mais privilegiada economicamente, a violência contra a mulher não aconteça. O projeto justifica-se uma vez que será relevante identificar os casos de violências e implementar estratégias de prevenção.

ESTUDO DA LITERATURA

Em 2019, no Brasil, a violência contra a mulher causou uma média de 3,4 homicídios para cada 100 mil mulheres, sendo esse valor maior no estado de Roraima - 12,3 a cada 100 mil - e menor no estado de São Paulo - 1,7 a cada 100 mil. No mesmo ano os órgãos de saúde notificaram 289.705 casos de violência contra a mulher no país, sendo 68.035 deles no estado de São Paulo. (BRASIL, 2019).

O Mapa da Desigualdade, da Rede Nossa São Paulo, é um projeto que faz levantamento de dados dos 96 distritos de São Paulo, comparando as desigualdades entre eles. Um dos indicadores desse trabalho é o coeficiente de mulheres vítimas de violência para cada 10 mil mulheres entre 20 e 59 anos que, na cidade de São Paulo em 2019 foi, em média, 228,1. No distrito da Saúde, em que fica localizada a UBS Parque Imperial, esse coeficiente está entre os mais baixos: 167,7. (REDE NOSSA SÃO PAULO, 2020).

Segundo Silva e Ribeiro (2020), em um estudo sobre a violência contra a mulher na prática de enfermeiros da atenção primária de um município de Minas Gerais, a maioria era capaz de identificar e nomear diversos tipos de violência, além de entenderem que o silêncio da vítima é um dificultador na prática. Foi visto que a maioria não realiza notificação mesmo na suspeita de agressão e que os enfermeiros, além de possuírem a responsabilidade do atendimento, têm o papel na educação em saúde dos outros profissionais na identificação dos casos. Na conclusão do estudo, houve o entendimento de que, além da capacitação profissional seria necessário capacitar mulheres para o reconhecimento dos tipos de violência.

O Caderno de Atenção Básica sobre Violência Interpessoal, traz alguns fatores de risco presentes no casal que podem predispor a violência interfamiliar, dentre eles indicativos de violência em relacionamentos anteriores, elevado nível de dependência econômica e/ou emocional dos parceiros, alcoolismo e/ou drogadição de um dos membros do casal ou de ambos. (BRASIL, 2001).

Compete às equipes de Saúde da Família conhecer, discutir e buscar a identificação dos fatores de risco na população adscrita, para facilitar a definição de ações a serem desenvolvidas, com a finalidade de intervir preventivamente ou confirmar um diagnóstico, visando a adoção das medidas adequadas às diversas situações de violência intrafamiliar. (BRASIL, 2001, p. 23).

Schraiber et al. (2007) avaliou a percepção de mulheres sobre vivência de violência ao longo da vida e encontrou uma taxa de percepção menor do que a prevalência, apesar de terem sido verificadas agressões durante as entrevistas. O reconhecimento das agressões como violência era mais comum quando se tratava de agressores desconhecidos. Além disso, notou-se que o entendimento de violência é maior em relação à categoria sexual e menor em relação à psicológica.

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Fornecer subsídios para que a equipe de saúde possa desenvolver ações educativas que levem a uma redução nos índices de violência contra a mulher no território da UBS Parque Imperial.

Objetivos Específicos:

- 1) Reduzir subnotificações de casos de violência contra a mulher na UBS Parque Imperial.
- 2- Planejar, organizar e implantar projetos educativos que tenham como pressuposto a redução dos casos de violência contra a mulher no território
- 3) Conscientizar mulheres sobre tipos de violência, criando um ambiente seguro para compartilhar situações vividas no passado ou atualmente.

AÇÕES

Local: Unidade Básica de Saúde Parque Imperial, localizada no bairro da Saúde, zona Sul da cidade de São Paulo - SP.

Público alvo: mulheres (tenham elas sofrido ou não violência) e homens do território

Participantes: médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, assistentes sociais

Ações:

- 1- Realizar capacitação de médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e assistentes sociais no acolhimento de situações de violência que já ocorreram e na identificação de casos suspeitos.
- 2- Realizar reuniões de equipe para estudar a ficha de notificação e identificar dificuldades dos profissionais em preenchê-la.
- 3- Realizar capacitação dos profissionais de saúde da unidade básica em relação às situações que devem ser notificadas e aperfeiçoando o preenchimento das fichas de notificação de forma mais completa possível.
- 4- Oferecer capacitação aos profissionais de saúde da unidade sobre abordagem do tema violência em grupos comunitários, aumentando o repertório de ferramentas para lidar com o problema.
- 5- Discutir estratégias de trabalhar vínculo entre equipe e paciente
- 6- Organizar grupos de mulheres e grupos de homens (discussão sobre masculinidade) na unidade básica de saúde abordando o tema violência, pensando em horários que contemplem a população economicamente ativa
- 7- Conscientizar comunidade sobre importância da prevenção da violência contra mulher por meio de rádio comunitária, grupos de conversa da comunidade, jornal do bairro, etc.

RESULTADOS ESPERADOS

Com a implantação das ações propostas espera-se que os casos de violência contra a mulher sejam reduzidos a partir das ferramentas criadas. Espera-se que a equipe consiga abordar os casos de violência de forma mais acolhedora, sem deixar de realizar as notificações de forma correta e completa. É esperado que os grupos de mulheres e os de homens contribuam para evitar que casos novos ocorram e que os existentes se perpetuem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

BRASIL. **Painel de Violência Contra Mulheres**. 2019. Disponível em: https://www9.senado.gov.br/QvAJXZfc/opendoc.htm?document=senado%2FPainel%20OMV%20-%20Viol%C3%Aancia%20contra%20Mulheres.qvw&host=QVS%40www9&anon_ymous=true. Acesso em: 25 jan. 2022.

CIDH - Convenção interamericana de Direitos humanos. **Convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher**. Convenção de Belém do Pará. 9 de junho de 1994. Disponível em: <http://www.cidh.org/Basicos/Portugues/m.Belem.do.Para.htm>. Acesso em: 26 jan. 2022.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade de 2020**. Disponível em <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2021/08/Mapa--a-Desigualdade-2020-TABELAS.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2022.

SCHRAIBER, Lilia Blima; et al. Violência contra mulheres entre usuárias de serviços públicos de saúde da Grande São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, n. 3, p. 359-67, 2007.

SILVA, Viviane Graciele da; RIBEIRO, Patrícia Mônica. Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária à saúde. **Escola Anna Nery**, v. 24, n. 4, p. 1-7, 2020.